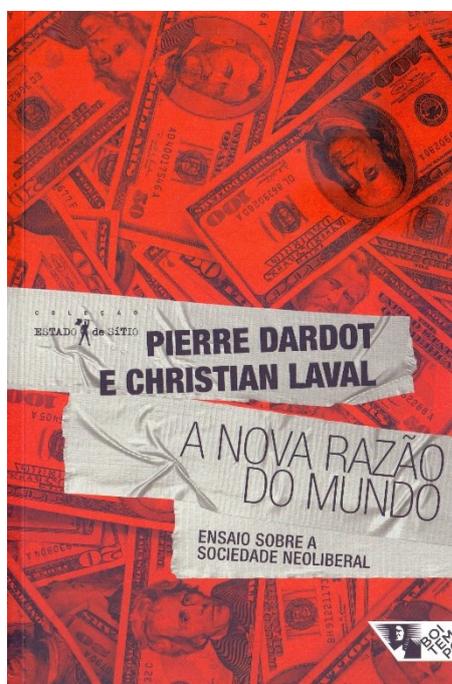


## RESENHA

Resenha do livro: DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016. (Coleção Estado de Sítio)

## SUBJETIVAÇÃO NEOLIBERAL

Chiara Albino<sup>1</sup>  
Jainara Oliveira<sup>2</sup>



*“A economia é o método; o objetivo é mudar o coração e a alma”<sup>3</sup>*  
Margaret Thatcher, *Sunday Times*, 3 de Maio de 1981

<sup>1</sup> Doutoranda em Antropologia Social do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC) e bolsista de doutorado da CAPES. Pesquisadora vinculada ao TRANSES - Núcleo de Antropologia do Contemporâneo do PPGAS/UFSC e ao INCT/CNPq Instituto Brasil Plural (IBP). E-Mail: tarsila.chiara@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8040-7155>.

<sup>2</sup> Doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC). E-Mail: gomes.jainara@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9944-0492>.

<sup>3</sup> Tradução livre do original: “Economics are the method; the object is to change the heart and soul”.

No Prefácio à edição brasileira do livro *A nova razão do mundo*,<sup>4</sup> publicado em 2016, aos 90 anos do nascimento de Michel Foucault, Pierre Dardot e Christian Laval abrem este texto chamando atenção para a história do neoliberalismo. Nele, Dardot e Laval argumentam que o neoliberalismo não transformou apenas o capitalismo; transformou também a sociedade. Devido a essas transformações profundas, os autores ressaltam que a crítica do neoliberalismo exige uma análise precisa, documentada e atualizada da história do neoliberalismo. Com esta afirmação, querem assinalar que, ao contrário do que pensaria a esquerda radical, não estamos lidando com as contradições do “capitalismo”, como se ele fosse sempre homogêneo. Daí por que Dardot e Laval nos lembram que o neoliberalismo não desapareceu com a crise financeira mundial de 2008. O que se constatou foi, ao contrário, a capacidade de autofortalecimento do neoliberalismo, isto é, a crise apareceu como um modo de governo. Com base em tal constatação, Dardot e Laval (p. 8) afirmam que o neoliberalismo

fez surgir um sistema de normas e instituições que comprime as sociedades como um *nó de força*. As crises não são para ele uma ocasião para limitar-se, como aconteceu em meados do século XX, mas um meio de prosseguir cada vez com mais vigor sua trajetória de *ilimitação*. O capitalismo, com ele, não parece mais capaz de encontrar compensações, contrapartidas, compromissos.

Aqui, Dardot e Laval retomam o diagnóstico que apresentaram na Introdução à edição inglesa deste livro, em 2014, no qual argumentam que a esquerda radical ao ignorar a história do neoliberalismo compartilharia um erro de diagnóstico e, por isso, não teria observado que “longe de provocar o enfraquecimento das políticas neoliberais, a crise conduziu a seu brutal *fortalecimento*, na forma de planos de austeridade adotados por Estados cada vez mais ativos na promoção da lógica da concorrência dos mercados financeiros” (pp. 13-14). Segundo Dardot e Laval, tal erro de diagnóstico estaria baseado na interpretação do neoliberalismo como uma ideologia e uma política econômica. O diagnóstico de Dardot e Laval, no entanto, assinala que o neoliberalismo não deveria ser reduzido a uma ideologia ou um tipo de política econômica, o que os conduz a afirmar por sua vez que o neoliberalismo é, sobretudo, um sistema normativo que estende “a lógica do capital a todas as relações sociais e todas as esferas da vida” (p. 7).

Os autores ainda argumentam que, nessa lógica neoliberal, são definidos novos modos de subjetivação. Ao fazê-lo, assinalam que na subjetivação neoliberal, “os indivíduos são submetidos a um regime de concorrência em todos os níveis” (p. 9), o que, por conseguinte, pode dificultar a ação coletiva e enfraquecer a capacidade de agir contrariamente à racionalidade neoliberal, assim como minar a solidariedade e a

---

<sup>4</sup> Lemos e discutimos coletivamente este livro durante a disciplina “A razão neoliberal e os processos de subjetivação” ministrada em 2019 pela Professora Dra. Sandra Caponi, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH/UFSC). Nela, este livro foi objeto do seminário que apresentamos com outros colegas da referida disciplina. Agradecemos à Sandra Caponi e aos colegas as leituras e as discussões em sala de aula. Também agradecemos ao Christian Laval o diálogo que tivemos ao final de sua conferência “Foucault, Bourdieu e a questão do neoliberalismo”, realizada no dia 27 de setembro de 2018, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da UFSC. A interpretação que apresentamos nesta resenha, no entanto, é de nossa inteira responsabilidade.

cidadania. Nesse sentido, pode-se dizer que a análise sociológica de Dardot e Laval se difere de outras interpretações do neoliberalismo. Pois, ao não reduzirem o neoliberalismo a uma ideologia ou uma política econômica, eles defendem que neoliberalismo é antes uma *racionalidade*, isto é: “O neoliberalismo é a *razão do capitalismo contemporâneo*” (p. 17). Dessa maneira, ao interpretarem o neoliberalismo como racionalidade, Dardot e Laval definem o neoliberalismo “como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (p. 17). Com isso, os autores nos lembram que uma análise precisa da história do neoliberalismo também necessita tomar a sério os novos modos de subjetivação e as novas patologias psíquicas que ele produz.

Dardot e Laval aprofundam essa discussão no último capítulo deste livro. Nele, argumentam que o sujeito neoliberal delineado por eles seria formado no contexto de uma nova lógica normativa. Nesse contexto de profundas transformações, “[o] homem benthamiano era o homem *calculador* do mercado e o homem *produtivo* das organizações industriais. O homem neoliberal é o homem *competitivo*, inteiramente imerso na competição mundial” (p. 322). Considerando os nossos interesses de pesquisa, destacamos particularmente o que Dardot e Laval chamam de “governo empresarial de si” o qual requer a produção de um novo sujeito, isto é, o “sujeito empresarial”, o “sujeito neoliberal”, ou, *neossujeito*. Tal sujeito é fabricado, como os autores demonstram, a partir de diversas técnicas. Nessa fabricação e gestão, o sujeito é conduzido a participar, a engajar-se e a entregar-se ao trabalho, por exemplo, envolvendo assim sua subjetividade na realização da atividade profissional. Esse “sujeito unitário” é, portanto, “o sujeito do envolvimento total de si mesmo” (p. 327), isto é, um sujeito “ativo” e “autônomo”. Trata-se, sobretudo, de um sujeito competente e competitivo, bem como de um sujeito do desempenho/gozo, que trabalha sobre si mesmo para tornar-se eficaz, flexível e adaptado às variações do mercado. Nessa racionalidade empresarial, a empresa passa a definir uma nova ética. Embora não esteja limitada à empresa, essa ética neoliberal do eu envolve as “asceses do desempenho” e suas técnicas, assim como a “gestão da alma”, isto é, técnicas de transformação de si mesmo e o domínio de si mesmo e a gestão de riscos. Os efeitos dessa “gestão do desempenho” podem ser sentidos, por exemplo, por meio de um fracasso pessoal, de uma vergonha e de uma desvalorização, que são marcados pelo sofrimento no trabalho, a corrosão da personalidade, a desmoralização, a depressão generalizada, a dessimbolização e a perversão comum, entre outros.

Trata-se, portanto, de um livro fundamental para quem aprecia uma análise precisa, documentada e atualizada da história do neoliberalismo. Nesse sentido, faz-se necessário mencionar que, além do Prefácio à edição brasileira e a Introdução à edição inglesa, este livro possui nove capítulos, que estão divididos em duas partes. Na primeira parte, “A refundação intelectual”, os autores mostram historicamente o que constitui o *neo* no neoliberalismo, o que não implica, no entanto, apresentar o neoliberalismo como um “retorno” à economia política liberal clássica. Apresentando a crise dos anos de 1930 como registro de seu nascimento, os autores assinalam a distância introduzida pelo neoliberalismo em relação ao velho *laissez-faire*. Resulta daí o Colóquio Walter Lippmann de 1938, a partir do qual são esboçadas duas correntes, a saber: de um lado, a corrente do ordoliberalismo alemão, cujos representantes são Walter Eucken e Wilhelm Röpke; e, de

outro, a corrente austro-americana, cujos representantes são Ludwig von Mises e Friedrich A. Hayek. Na segunda parte, “A nova racionalidade”, os autores apresentam os anos de 1980 e 1990 como as décadas em que a racionalidade neoliberal se desenvolveu, sobretudo, como uma nova racionalidade governamental. Em síntese, ao longo dessas duas partes, Dardot e Laval argumentam, por um lado, que o neoliberalismo se pergunta “sobre como fazer do mercado tanto o princípio do governo dos homens como o do governo de si”, e, por outro, que o neoliberalismo é, sobretudo, “o desenvolvimento da lógica do mercado como lógica normativa generalizada, desde o Estado até o mais íntimo da subjetividade” (p. 34).

Por fim, não podemos deixar de mencionar o *princípio do comum* que a genealogia do neoliberalismo realizada por Dardot e Laval assinala. O que é, pois, o *princípio do comum*? Em suas próprias palavras (p. 9):

O *princípio do comum* que emana hoje dos movimentos, das lutas e das experiências remete a um sistema de práticas diretamente contrárias à racionalidade neoliberal e capazes de revolucionar o conjunto das relações sociais. Essa nova razão que emerge das práticas faz prevalecer o uso comum sobre a propriedade privada exclusiva, o autogoverno democrático sobre o comando hierárquico e, acima de tudo, torna a coatividade indissociável da codecisão - não há obrigação política sem participação em uma mesma atividade.

Desse modo, pensar o *em comum* também implica trabalhar por uma razão alternativa, isto é, por uma *razão comum*, e assim, poderemos desbloquear o futuro.